

A insularidade como força motriz na obra de Dina Salústio

Maria Teresa Salgado Guimarães da Silva¹

“Mas, acima do que tudo, a insularidade é mais um estado de alma que uma condição geográfica”.
(Dina Salústio)

Resumo: O artigo busca discutir o significado existencial do conceito de insularidade na obra de Dina Salústio *Mornas eram as noites*. Para isso, acompanhamos, primeiramente, a transformação do conceito de insularidade na história literária cabo-verdiana e percebemos as suas múltiplas acepções e transformações ao longo do tempo. Em seguida, a partir de algumas sugestões da própria Dina Salústio, em um de seus ensaios, pensamos na riqueza proposta pela ambivalência do conceito e realizamos a análise de três de seus contos em que o tema da viagem se atualiza, propondo uma nova visão da insularidade. O conceito assume amplitude ao transitar da ideia existencial para uma ideia de mudança e esperança.

Palavras-chave: Dina Salústio. conceito de insularidade. amplitude. mudança. esperança.

A emigração é considerada uma das marcas da cultura cabo-verdiana e, mais do que isso, é um dado estrutural da sua sociedade, uma vez que as difíceis condições climáticas (a seca acentuada, o vento leste que dizima as plantações, a aridez do solo etc) e a falta de investimentos, especialmente na época colonial, levaram a população a emigrar. A necessidade de buscar trabalho fora das ilhas foi uma constante desde o século XVIII, mas é no início do séc. XX que começam as grandes vagas migratórias no arquipélago. Entre 1900 e 1926, com destino aos EUA; entre 1927 e 1945, em direção à América Latina e África; entre 1946 e 1973, para a Europa, especialmente Holanda, França, Luxemburgo, Itália e Suíça, países que continuam a ser os principais destinos da emigração cabo-verdiana, ao lado dos EUA, Espanha e Angola.

Essa acentuada emigração vem marcada pelo sentimento contraditório contido na frase: "O drama de ter que partir e querer ficar ou de ter que ficar e querer partir", drama que se desenvolveu na cultura cabo-verdiana e forneceu matéria prima para a sua literatura. De tal forma esse sentimento impregnou a sociedade, que veio a constituir-se em um dos temas mais expressivos do arquipélago. Já no séc. XIX, o poeta Eugenio Tavares, nome maior da cultura

¹Doutora em Literatura Africana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Literatura brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós doutorado na Universidade Federal Fluminense. Pós doutorado na Université Paris-Sorbonne. Professora associada de Literaturas Africanas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: teresalg@letras.ufrj.br. ORCID iD: 0000-0003-2993-3632.

local, cantava a dificuldade e ao mesmo tempo a necessidade da partida, nas suas mornas, gênero poético e musical dos mais representativos de Cabo Verde. Em “Morna de despedida”:

Morna de despedida

Hora da partida,
 Hora de dor,
 É meu desejo
 Que não amanheça! (não chegue a hora)
 De cada vez
 Que a lembro,
 Prefiro
 Ficar e morrer!
 Hora de partida,
 Hora de dor! Amor,
 Deixa-me chorar!
 Corpo cativo,
 Vai tu que és escravo!
 Ó alma viva,
 Quem te há de levar?

Se a chegada é doce,
 A partida é amarga;
 Mas se não se partir (mas quem não parte)
 Não se regressa! (não regressa)
 Se morrermos
 Na despedida,
 Deus no regresso
 Dar-nos-á vida.

Deixa-me chorar
 Destino de homem:
 Oh dor
 Que nem nome tem:
 Dor de amor
 Dor de saudade
 De alguém
 Que eu quero, que me quer...

Deixa-me chorar
 O destino do homem,
 Oh Dor
 Que não tem nome!
 Sofrer junto de ti
 Sem ter uma certeza,
 Morrer na ausência,
 Com a tua tristeza! (TAVARES, 1969, p. 41-42).

A geração seguinte à de Tavares, a de Claridade², responsável pela afirmação literária cabo-verdiana, acentuou e desenvolveu ainda mais os múltiplos aspectos do drama da emigração, reforçando a dicotomia da metáfora do mar: o mar como prisão, que impede o homem de alargar seus horizontes, e o mar como evasão, que permite ao homem adquirir novos saberes. A proposta de “fincar os pés na terra”, que norteou o projeto da geração claridosa, no seu desejo de demonstrar o amor pela cultura cabo-verdiana, passava necessariamente pelo mergulho no drama da emigração em toda a sua ambivalência e dor, como nos mostrou o poeta Jorge Barbosa:

Poema do mar

O drama do Mar
O desassossego do mar
sempre
sempre
dentro de nós!

O mar!
cercando
prendendo as nossas ilhas
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces dos pescadores
Roncando nas areias das nossas praias
Batendo a sua voz de encontro aos montes
baloçando os barquinhos de pau que vão por essas costas

O Mar!
pondo rezas nos lábios
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os passageiros
quando desembarcaram para ver a pobreza da terra

O Mar!
A esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais

O Mar!
Saudades de velhos marinheiros contando histórias de tempos passados,
Histórias da baleia que uma vez virou canoa...
de bebedeiras, de rixas, de mulheres,

²A geração de Claridade revolucionou a literatura cabo-verdiana, marcando o início de uma nova fase na linguagem e nas estratégias empregadas na literatura. Com ela, superou-se o conflito entre o romantismo de matriz portuguesa e o novo realismo. A geração de Claridade se afastou do cânone português e chamou a atenção para os elementos da cultura cabo-verdiana que haviam sido silenciados pelo colonialismo português.

nos portos estrangeiros...

O Mar!
dentro de nós
no canto da Morna
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas
no desejo da viagem que fica em sonhos de muita gente!

Este convite de toda hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!
(BARBOSA, 2012)

As gerações posteriores, especialmente a de *Certeza*³, vão se bater contra o suposto evasionismo alienado de *Claridade*, defendendo a permanência nas ilhas e a luta por melhores condições de vida. Dizemos suposto, pois, ainda que os poetas da Geração de *Claridade* cantassem o evasionismo, o que buscavam, antes, era apresentar o drama do arquipélago não uma defesa da partida, uma vez que o mote central dos claridosos, como sabemos, era “fincar os pés da terra”, denunciando as precárias condições de vida do ilhéu.

De tal forma a questão da emigração integrou os fundamentos da sociedade cabo-verdiana, que, ao apresentarmos Cabo-Verde nos cursos de literaturas africanas, citamos imediatamente o drama do evasionismo, que marcou a vida do ilhéu, como se ele pudesse não só resumir a base da questão geográfica do arquipélago, mas também apontar para um sentimento cultural e existencial incontornável, que atravessou a cultura desde os primórdios de sua sociedade. Falar de emigração, nesse contexto, acaba por ser, então, necessariamente, evidenciar os aspectos ligados à situação insular de Cabo-verde.

Vale, portanto, discutir o drama da emigração cabo-verdiana, a partir dessa ideia fundamental na sua cultura, ou seja, as imagens relacionadas à condição insular. Imagens que se articulam em torno de um conceito-chave na cultura do arquipélago, conhecido como insularidade ou insularidades, uma vez que a palavra traduz não só a ambivalência da identidade cabo-verdiana, mas uma grande pluralidade e complexidade de aspectos que envolvem as contraditórias relações entre o cabo-verdiano e o seu ambiente.

³A geração de *Certeza* surge, em 1944, a volta da revista do mesmo nome. Distinguiu-se da geração claridosa, sobretudo, pela preocupação com a perspectiva social.

O conceito origina-se, naturalmente, de um fator ligado às inúmeras dificuldades geográficas que conduzem à emigração, mas ele termina por se desdobrar em muitos aspectos, acentuando questões econômicas, sociais, culturais, existenciais, psíquicas, etc. Acreditamos que o fenômeno migratório, no espaço literário cabo-verdiano merece ser discutido a partir da insularidade, como sugerem as próprias obras literárias e os diversas pesquisas em torno do tema na literatura.

O poema “Cais”, de Manuel Lopes nos aponta alguns desdobramentos da questão geográfica em aspectos existenciais, na observação do conceito de insularidade, uma vez que, embora descreva o tempo todo a necessidade e o desejo da partida, apresenta-nos um sujeito que nunca parte, como se houvesse uma razão maior, inexplicável, que o impedisse

Cais

Nunca parti deste cais
e tenho o mundo na mão!
Para mim nunca é demais
responder sim cinquenta vezes a cada não.
Por cada barco que me negou
cinquenta partem por mim
e o mar é plano e o céu azul sempre que vou!
Mundo pequeno para quem ficou...
(LOPES, 1997, p. 43)

Como bem observa Dina Salústio (1998, p. 34), em um atento e sensível ensaio a propósito da insularidade, uma das formas de entendermos o conceito é considerando-o como uma espécie de “camisa força que tolhe os gestos”. Com certeza, o que se salienta nessa primeira afirmação da escritora é a condição opressiva da circunstância insular. Entretanto, logo depois dessa ideia, a escritora nos revela outros aspectos, acrescentando que a insularidade “fecunda o peito”, indicando, então, sua veia positiva e ambivalente.

Não temos dúvida de que a ideia da viagem, ou melhor, do abandono da terra e muitas vezes da família, em busca de trabalho e de melhores condições, seja sempre, em qualquer circunstância, uma ideia dolorosa. Mas também sabemos que, nesse mesmo movimento de partida, existe muitas vezes um pensamento pleno de esperanças, desejos e expectativas. O que chama a nossa atenção, portanto, na insularidade cabo-verdiana, é o seu inexorável apelo e a sua inevitável, mas fecunda, contradição em muitos sentidos. Salústio reforça esse pensamento, afirmando que o escritor se entregará a insularidade, com total engajamento, por razões de sobrevivência existencial, emocional, profissional, mas se encontrará, muitas vezes, diante de

um eterno dilema, seja por incapacidade de escolha : “O magnífico e heroico destino que eu imaginava tão liricamente ser o meu venceram-no afinal a prudência o temor a família venceu- o este meu outro real e melancólico destino burocrático” (Salústio, 1998, p. 34), seja pelas circunstâncias externas, como o ter que conviver com um espaço sempre igual e parado, como mostra o poema “Dia” de Jorge Barbosa:

Oito horas
Começou assim o dia
Burocrático
-irremediável.
Cifras caindo
arrumadas
sobre o livro aberto.

Dentro da baía
o pequeno veleiro
bordejando.

Meio dia.

Tem doze anos apenas
a pretinha que vende bolos
ali à esquina sorrindo.

Finalmente fundeou
o pequeno veleiro.

Dezassete horas.

A tarde parada
a tarde morrendo.

O pequeno veleiro
Balouçando.

Meia-noute.

E esta ilusão
de que a luzita do veleiro
acena por mim
no meio do escuro da baía.

Debruço-me
Sonolento
sobre o meu poema.

Acabou assim o dia
- irremediável.
(BARBOSA, 2002, p. 115-116)

O ensaio de Salústio constitui-se praticamente em uma ode aos impasses e contradições da insularidade, ao insistir que esta é “um autêntico maná, matéria prima para a escrita” (1998, p. 34).

Também é a ambivalência no movimento das emigrações cabo-verdianas que expressa o pensamento de Salinas Portugal, quando diz que “a condição de ilhéu leva implícita a ideia da viagem: viagem exterior a um destino concreto, por necessidade, viagem ao interior do próprio sujeito numa procura de conhecimento, viagem quimérica e impossível na origem de uma frustração existencial ofegante.” (PORTUGAL, s/d). Interessa-nos, portanto, pensar antes a amplitude dessa ideia de insularidade cabo-verdiana, ligada à frustração existencial, como uma espécie de camisa de força, e também como um desejo de liberdade que se expressa na aventura, no sonho, na esperança, como sugere Dina Salústio em seu ensaio e como aponta, também, Salinas Portugal em seu artigo sobre a poética das ilhas.

Gostaria de observar a complexidade desse sentimento, que parece mover o cabo-verdiano até os dias de hoje, a partir de alguns contos da própria Dina Salústio. Escolhi três contos da obra *Mornas eram as noites*, livro publicado, em 1994 pela escritora. O tema da emigração não tem grande destaque na obra; afinal, as condições do arquipélago já não são mais as mesmas dos tempos da época colonial, quando os cabo-verdianos morriam no período das grandes secas. Diferente dos textos produzidos até a independência, em 1975, em que predominam os temas da evasão, da anti-evasão, do flagelo da seca e da lestadada, do isolamento vivido pelo ilhéu em difíceis condições econômicas, *Mornas eram as noites* interessa-se “pelas mais variadas classes e tipos sociais, propondo um olhar bastante diversificado e voltado para as várias camadas que compõe a sociedade cabo-verdiana” (Salgado, 2009). A obra de Salústio nos permite, contudo, observar momentos em que a imagem da saída das ilhas vem à tona e evoca o sentimento de insularidade em seus desdobramentos e em novos olhares.

O primeiro conto do livro, “Liberdade adiada”, nos mostra uma mulher desesperada a beira de um barranco. A narrativa se estrutura e se expressa em um campo semântico de crescente angústia, que envolve a nós leitores justamente pelo discurso indireto livre, pela não nomeação da protagonista ou especificação dos seus problemas, em uma cena curta de intensidade dramática, que mostra o seu profundo desalento. Passamos pelo seu cansaço com a responsabilidade da criação dos filhos, que é também revolta pela sua não-autonomia em relação ao próprio corpo; sente-se um objeto, arrastada pelas circunstâncias e sem vontade própria: “Estava farta daquele bocado de si que ano após ano enchia, inchava, desenchia e lhe atirava

para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente” (SALÚSTIO, 1999, p.8); descobrimos que essa é apenas mais uma das muitas vezes em que ela se desesperou e pensou em se matar, como se esse gesto se validasse, antes, pela simples possibilidade de representar um escolha e decisão própria, que a personagem nunca possuiu em sua vida:

O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final.

Conhecia aquele tipo de sorriso e não tinha boas recordações dos tempos que vinham depois. Mas um dia havia de o eternizar. E se fosse agora, no instante que madrugava? A lata e ela, para sempre, juntas no sorriso do barranco? (SALÚSTIO, 1999, p. 8)

E chegamos até o mais seco e certo desespero da mulher, prestes a acabar com a própria vida: “Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder.” (SALÚSTIO, 1999, p. 9).

Ao final do conto, a voz de um inesperado/a personagem assume o papel de narrador/a, revelando-nos como tomou conhecimento da história que acabamos de conhecer e expressando uma identificação com o vivido pela protagonista, embora seus sonhos e desejos sejam de outra ordem: “Quando a encontrei na praia, ela esperando a pesca, eu atrás de outros desejos, contou-me aquele pedaço de sua vida, em resposta ao meu comentário de como seria bom montar numa onda e partir rumo a outros destinos, a outros desertos, a outros natais.” (SALÚSTIO, 1999, p. 9). O desejo de evasão da personagem para um outro destino faz eco ao sentimento de isolamento vivenciado por ela. Ao final, o conto oferece, então, uma espécie de convite para que também o leitor se transforme em eco dessa história e se aproxime dos sentimentos vividos pela protagonista e pela personagem-narradora; sentimentos de angústia e desalento, mesclados à revolta e ao desejo de liberdade e de uma outra vida. No momento, não há possibilidade de realização dos sonhos, a experiência da insularidade - “o desejo de partir e ter que ficar” - se manifesta aqui, traduzindo-se como a tal camisa de força de que trata Salústio em seu ensaio. No entanto, ao se expressar a impossibilidade de liberdade e de uma vida nova para a personagem, seja dentro ou fora das ilhas, evidencia-se uma liberdade apenas adiada, uma vez que a denúncia e a inconformidade dominam a narrativa.

O segundo conto escolhido, “Uma viagem de saudades”, aborda mais diretamente o tema da emigração, mas a ironia aqui é justamente o fato de que a emigração se dá na narrativa por motivos completamente diferentes dos habituais: trata-se de uma jovem que partira da Ilha

Brava, aos dezessete anos, em direção a Europa para conhecer o pai, o qual, por sua vez, partira de Cabo Verde “por causa de uma hipótese de traição.... tinha jurado nunca mais voltar à ilha” (Salústio, 1999, p. 19). A viagem da jovem, que deveria durar três meses, se estende por trinta anos. Ela volta agora a Cabo-Verde para casar-se com o noivo de sua juventude e para a promessa que este lhe fizera, na época da partida, de emigrarem juntos para a América. Tal como no conto de abertura, temos um personagem narrador encarregado de transmitir uma pequena narrativa. É pela sua voz que a história está sendo contada, e a pessoa a quem ele conta a história nos sugere que esta vale a pena: “Há amigos a quem tenho o prazer de oferecer um copo (...) porque entre um gole e outro contam histórias que me cativam.” (SALÚSTIO, 1999, p. 19). As duas personagens narradoras desse conto, especialmente a que ouviu a história em primeira mão, comentam o episódio e emitem juízos de valor em relação a ele, embora esses não sejam muito claros: “Não sei porque, mas algo nela não batia certo, ou talvez o meu senso crítico estivesse pouco complacente” (SALÚSTIO, 1999, p. 19).

Não há com certeza aqui a mesma identificação dos narradores em relação aos sentimentos da protagonista, e sim uma certa comiseração diante da sua ingenuidade no retorno ao arquipélago para encontrar o antigo namorado: “Disse-me o nome do homem e teve que o repetir umas duas vezes para eu o ligar a pessoa que conhecia, atarracado pelos anos e pelas gorduras, careca, avermelhado pelo grogue.” (SALÚSTIO, 1999, p. 20) Contudo, existe, tal como no conto anterior, um interesse, uma provocação à reflexão sobre os dramas humanos, seja pela insistência no fato de que a história merece ser contada, seja no comentário que conclui a narrativa: “Nunca mais a vi nem gostaria de a ter visto. Para que saber de anseios sem resposta.” (SALÚSTIO, 1999, p. 20) A crítica é agora dirigida aos comportamentos, aos sonhos que parecem se manter intactos e imóveis. A emigração não aparece, portanto, como elemento transformador na vida da personagem, embora ela tenha sido “feliz e infeliz ... como todo nós...” (SALÚSTIO, 1999, p.). A viagem se revela, antes, como um intervalo, uma vez que a protagonista permanece presa ao passado na ilha e aos seus dezessete anos, numa espécie de paralisia perturbadora: “Nada disse à rapariga de dezessete anos, que estava à minha frente trinta anos depois.” (Salústio, 1999, p.20)

“Ponto final” é o nome do último conto do livro. Em uma intensa prosa poética, esse texto mergulha fundo na ideia da insularidade e ao mesmo tempo nos apresenta uma nova perspectiva do seu sentido. O sujeito poético se constrói a partir do sentimento de intenso

isolamento e ao mesmo tempo pelo desejo de intensa comunhão. Logo de início, percebemos o seu inexorável oscilar entre solidão e integração:

Com o alheamento caldeado nos portos e cais da vida, nas camarias e temporais, nas delicadas algas e nos recifes traiçoeiros, baloiça, ao ritmo imprevisível da sétima onda. A última.

Projetou a largada sem definido destino. (SALÚSTIO, 1999, p. 88)

Existe a importância do momento presente e aparentemente a recusa de qualquer ideia de aprofundamento:

Destino é o momento em que se encontra ancorado, sempre foi assim. Nunca poisou em nenhum porto, em nenhum cais, em nenhuma onda. Definitivamente. Nem em si mesmo, o que foi mais duro. (SALÚSTIO, 1999, p. 88)

Existe, aqui, também, a aflição e a inércia:

Dias houve em que as correntes e a âncora se lhe agarraram à alma, e o puxaram para o fundo, sempre mais para o fundo.

Inerte para resistir, conheceu a aflição do fim. E os seus encantos e a tranquilidade também. (SALÚSTIO, 1999, p. 88)

Mas existe também o prazer que domina cada partida:

Doutras vezes, outras ondas, outros ventos o empurraram para cima e, extasiado com o sol, largou o corpo em direção a todos os caprichos.

Que importa o resto, se o prazer existe? SALÚSTIO, 1999, p. 88)

Por isso, o mais importante é a viagem, como prossegue a voz do narrador, apesar das dores existentes: “Quem se atenta ao nome, à dor, ao casco roído? A hora da largada” (SALÚSTIO, 1999, p. 88) E, assim, o movimento de partida e de regresso termina se revelando como um constante ir em direção ao outro, num gesto que traduz uma inexorável rotina:

Portos e horizontes para o navio que continuará a trazer e a levar, a levar e a trazer o que não cabe em ti e em mim. Indiferente.

O teu grito no meu riso: pensa o pássaro, sobrevoando o peixe prateado. (SALÚSTIO, 1999, p. 89)

Contudo, o que toma conta da cena é o gesto de acolhimento, amparo e encontro, que vai dominar a prosa poética de Dina, no final do miniconto:

É o teu grito no meu riso: pensa o pássaro sobrevoando o peixe prateado.
Eu e você. Tudo se confunde e há velas de sonho que se abrem e me envolvem
sob o céu reconstituído, onde as cores, o peixe prateado, os porões e o casco,
as velas, o frio, o choro e a saudade, gritam ternuras.
Foi uma longa viagem.
Hoje, o abraço e o ponto final. (SALÚSTIO, 1999, p.89)

Nesse trecho, percebemos uma busca, talvez, de fusão, uma vez que todos os elementos aí se confundem no último parágrafo, tanto a beleza das cores e do peixe prateado, quanto o frio, o choro e a saudade. A riqueza dessas imagens é tamanha que a sua abertura se impõe. Podemos pensá-las como memórias de um casal que se despede de alguma forma; podemos pensá-las como reflexões sobre uma vida; podemos pensa-las como tributo a um amor; na verdade, pouco importa a forma como interpretamos esse trecho. O que chama a nossa atenção é a tensão entre o isolamento e solidão com o aproximar-se em comunhão. Importa-nos perceber que o convite final é para o abraço, que corrobora a necessidade humana e vital de diálogo, patenteada em cada história de *Mornas eram as noites*, atestando sobretudo o desejo de que o drama da insularidade se construa como um ir em direção ao outro e não como um gesto de isolamento que possa tolher os gestos e paralisar o ser.

Essas três narrativas, como vemos, nos mostram o eterno drama do “ter que partir e querer ficar e de ter que ficar e querer partir” do cabo-verdiano, mas nos alertam, sobretudo, para o drama das contradições que habitam cada ser humano. Talvez, o que os contos de Dina Salústio terminem por nos ensinar como é possível transformar a camisa de força em força motriz.

Referências

- BARBOSA, J. Dia. In: BARBOSA, J. *Obra poética*. Arnaldo França e Elsa Rodrigues dos Santos. (org) Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012, p. 115-116.
- BARBOSA, J. Poema do mar. In: BARBOSA, J. *Obra poética*. Arnaldo França e Elsa Rodrigues dos Santos. (org) Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2012.
- LOPES, M. Cais. In: LOPES, M. *Falucho ancorado*. Lisboa: Cosmos, 1997, p. 43.

MAGALHÃES, P. M. C. *A viagem e o sonho de encontrar uma terra prometida de Claridade*. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12626864/claridade-a-viagem-e-o-sonho-de-encontrar-uma-terra-prometida>

SALGADO, M. T. *Noites nada mornas em Dina Salústio*, a oportunidade do diálogo. Abril – NEPA, UFF, n. 1, 2008, p. 36-40, v. 1, ago. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29835/17376>

PORTUGAL, F. S. *Entre a Fugida e a Viagem: A Poética da Ilha*. s.d. Disponível em: www.uc.pt/ciberkiosk/arquivo/ciberkiosk5/ensaios/salinas.htm (Acesso em 9 nov. 2005).

SOBRINHO, G. Eugénio Tavares: um intelectual a serviço de seu povo. *Revista Crioula*. [s. l.], n. 1, 2007.

SALÚSTIO, D. Insularidade na literatura cabo-verdiana. In: VEIGA, M. (coord.). *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Karthala, 1998, p. 33-44.

_____. *Mornas eram as noites*. Lisboa: Instituto Camões, 1999.

TAVARES, E. *Mornas – cantigas crioulas*. Luanda: Liga dos Amigos de Cabo Verde, 1969.

Insularity as a driving force in the work of Dina Salústio

Abstract: The article seeks to discuss the existential meaning of the concept of insularity in the work of Dina Salústio “Mornas eram as noites”. To this end, we first followed the transformation of the concept of insularity in Cape-Verdean literary history and realized its multiple meanings and transformations over time. Then, based on some suggestions from Dina Salústio herself, in one of her essays, we think of the richness proposed by the ambivalence of the concept and carried out the analysis of three of her stories in which the theme of the trip is updated, proposing a new view of the insularity. The concept takes on a broader dimension when transitioning from the existential idea to an idea of change and hope.

Keywords: Dina Salústio. insularity concept. amplitude. change. hope

Recebido em: 23 de abril de 2021.

Aceito em: 28 de junho de 2021.